

Festival Quartetos de Cordas



20 + 21 jan 24

20 jan 24 SÁBADO 15:00

GRANDE AUDITÓRIO

Quatuor Van Kuijk

Nicolas Van Kuijk Violino

Sylvain Favre-Bulle Violino

Emmanuel François Viola

Anthony Kondo Violoncelo

Impressions Parisiennes

1.º PARTE: c. 57 min.

Claude Debussy

Petite Suite, L. 65 (arr. de Emmanuel François)

1. *En bateau: Andantino*

2. *Cortège: Moderato*

3. *Menuet: Moderato*

4. *Ballet: Allegro giusto*

Baptiste Trotignon

*Ces messieurs: Francis**

Francis Poulenc

Les Chemins de l'amour

Fancy

Fêtes galantes (arr. de Jean-Christophe Masson)

Baptiste Trotignon

*Ces messieurs: Gabriel**

Gabriel Fauré

Après un rêve, op. 7 n.º 1

Les berceaux, op. 23 n.º 1

Mandoline, op. 58 n.º 1 (arr. de Gildas Guillon)

Baptiste Trotignon

*Ces messieurs: Maurice**

Maurice Ravel

Pavane pour une infante défunte

Baptiste Trotignon

*Ces messieurs: Erik**

Erik Satie

Je te veux

Baptiste Trotignon

*Ces messieurs: Claude**

INTERVALO

Felix Mendelssohn-Bartholdy

Quarteto para Cordas n.º 6,
em Fá menor, op. 80

c. 25 min.

1. *Allegro vivace assai – Presto*
2. *Allegro assai*
3. *Adagio*
4. *Finale: Allegro molto*

*** ESTREIA ABSOLUTA**

Festival Quartetos de Cordas, em colaboração
com a Philharmonie de Paris – Cité de la Musique

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 MIN.
INTERVALO DE 20 MIN.

20 jan 24 SÁBADO 18:00

GRANDE AUDITÓRIO

Quatuor Danel

Marc Danel Violino

Gilles Millet Violino

Vlad Bogdanas Viola

Yovan Markovitch Violoncelo

Sergei Prokofiev

Quarteto para Cordas n.º 1,
em Si menor, op. 50

c. 24 min.

1. *Allegro*
2. *Andante molto – Vivace*
3. *Andante*

Mieczysław Weinberg

Quarteto para Cordas n.º 2, op. 3

c. 26 min.

1. *Allegro*
2. *Andante*
3. *Allegretto*
4. *Presto*

INTERVALO

Piotr Ilitch Tchaikovsky

Quarteto para Cordas n.º 3,
em Mi bemol menor, op. 30

c. 38 min.

1. *Andante sostenuto – Allegro moderato*
2. *Allegretto vivo e scherzando*
3. *Andante funebre e doloroso, ma con moto*
3. *Finale: Allegro non troppo e risoluto*

20 jan 24 SÁBADO 21:00

GRANDE AUDITÓRIO

Belcea Quartet

Corina Belcea Violino

Suyeon Kang Violino

Krzysztof Chorzelski Viola

Antoine Lederlin Violoncelo

Ludwig van Beethoven

Quarteto para Cordas n.º 4,
em Dó menor, op. 18 n.º 4

c. 23 min.

1. *Allegro ma non tanto*
2. *Scherzo: Andante scherzoso quasi allegretto*
3. *Menuetto: Allegretto*
3. *Allegro*

Julian Anderson

Quarteto para Cordas n.º 4*

c. 20 min.

1. [Sem indicação]
2. *Presto*
3. [Sem indicação]

INTERVALO

Ludwig van Beethoven

Quarteto para Cordas n.º 12,
em Mi bemol maior, op. 127

c. 39 min.

1. *Maestoso – Allegro*
2. *Adagio, ma non troppo e molto cantabile – Andante con moto*
3. *Scherzando vivace*
4. *Finale: Allegro*

* **ESTREIA ABSOLUTA** — Encomenda conjunta de Fundação Calouste Gulbenkian, Wigmore Hall, Wiener Konzerthaus, Elbphilharmonie Hamburg, Mogens Dahl Koncertsal e National Concert Hall Ireland

Festival Quartetos de Cordas, em colaboração com a Philharmonie de Paris – Cité de la Musique

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 45 MIN.
INTERVALO DE 20 MIN.

21 jan 24 DOMINGO 12:00

GRANDE AUDITÓRIO

Minguet Quartett

Ulrich Isfort Violino

Annette Reisinger Violino

Aida-Carmen Soanea Viola

Matthias Diener Violoncelo

Johannes Ockeghem

Quatro *chansons*

c. 10 min.

Fors seulement

Qu'es mi vida preguntays

J'en ay deuil

Malheur me bat

Giuseppe Verdi

Ave Maria: scala enigmatica armonizzata

c. 6 min.

a quattro voci miste (Quattro pezzi sacri n.º 1)

Ludwig van Beethoven

Quarteto para Cordas n.º 15,
em Lá menor, op. 132

c. 16 min.

3.º ANDAMENTO: *Heiliger Dankgesang eines Genesenen an die Gottheit, in der lydischen Tonart* (Cântico sagrado de ação de graças de um convalescente à Divindade, no modo lídio)

Luigi Nono

Fragmente – Stille, an Diotima

c. 40 min.

21 jan 24 DOMINGO 15:00

GRANDE AUDITÓRIO

Simply Quartet

Danfeng Shen Violino

Antonia Rankersberger Violino

Xiang Lyu Viola

Ivan Valentin Hollup Roald Violoncelo

Joseph Haydn

Quarteto para Cordas em Sol maior,
op. 77 n.º 1

c. 25 min.

1. *Allegro moderato*
2. *Adagio*
3. *Menuetto: Presto*
4. *Finale: Presto*

Anton Webern

Langsamer Satz für Streichquartett
(andamento lento para quarteto de cordas)

c. 10 min.

INTERVALO

Robert Schumann

Quarteto para Cordas n.º 1,
em Lá menor, op. 41 n.º 1

c. 27 min.

1. *Introduzione: Andante espressivo – Allegro*
2. *Scherzo: Presto*
3. *Adagio*
3. *Presto*

21 jan 24 DOMINGO 18:00

GRANDE AUDITÓRIO

Jerusalem Quartet

Alexander Pavlovsky Violino

Sergei Bresler Violino

Ori Kam Viola

Kyрил Zlotnikov Violoncelo

Bedřich Smetana

Quarteto para Cordas n.º 1,
em Mi menor, *Da minha vida*

c. 28 min.

1. *Allegro vivo appassionato*
2. *Allegro moderato alla polka*
3. *Largo sostenuto*
4. *Vivace*

Dmitri Chostakovitch

Quarteto para Cordas n.º 2,
em Lá maior, op. 68

c. 36 min.

1. *Abertura: Moderato con moto*
2. *Recitativo e Romance: Adagio*
3. *Valsa: Allegro*
4. *Tema com variações: Adagio*

INTERVALO

Johannes Brahms

Quarteto para Cordas n.º 3,
em Si bemol maior, op. 67

c. 35 min.

1. *Vivace*
2. *Andante*
3. *Agitato (Allegretto non troppo)*
4. *Poco allegretto com variazioni*

Quatuor Van Kuijk

Impressions Parisiennes

—
DURAÇÃO c. 57 min.

A convite do Quatuor Van Kuijk, o pianista e compositor francês Baptiste Trotignon foi colocado perante o desafio de compor uma obra original inspirada no programa *Impressions Parisiennes* – transcrições para quarteto de cordas de curtas peças, com destaque para a *mélodie*, da autoria de compositores franceses com fortes ligações à cidade de Paris – que o quarteto vinha apresentando há algum tempo. As peças de Poulenc, Fauré, Ravel, Satie e Debussy surgem agora em contraponto com os cinco andamentos da obra que Trotignon compôs e que intitulou *Ces messieurs*, numa clara alusão aos compositores visados. Trotignon fornece-nos uma primeira pista em relação às sonoridades que se seguirão ao indicar o primeiro nome de cada compositor em cada um dos andamentos.

Baptiste Trotignon

(Paris, 1974)

Ces messieurs

—
COMPOSIÇÃO 2023

Forma rainha da música de câmara ao longo de vários séculos, o Quarteto de Cordas oferece um campo de exploração infinito, desde a música erudita muito complexa até à escrita mais livre... Um desafio intimidante para mim, mas uma aventura estética sempre muito emocionante. Dez anos depois do meu 1.º Quarteto

para Cordas (*Empreintes*, em 2014), a proposta que me foi feita pelo Quatuor Van Kuijk, no sentido de voltar a mergulhar neste universo, seduziu-me de imediato pela sua originalidade e pertinência: escrever cinco peças livremente inspiradas em obras de compositores emblemáticos como Poulenc, Fauré, Ravel, Satie e Debussy. Tendo também em mente o idioma da *mélodie* francesa que os ligou e que alimentaram com particular mestria, e que nada mais é do que a continuação da ancestral canção francesa, tal como ela se desenvolveu posteriormente. Alegorias oníricas, cores e estilos de interpretação, algumas piscadelas de olho ou citações, atmosferas e contrastes... Tudo era possível, desde que me mantivesse fiel a mim mesmo (de qualquer forma, é cada vez mais difícil para mim fazer as coisas de outra forma!). É, portanto, de facto, uma evocação amorosa em que tomei todas as liberdades essenciais ao *prazer* da escrita, satisfazendo alguns *desejos*, fantasiando com os sons, bem como algumas agitações rítmicas... todos esses desejos foram completamente realizados desde as primeiras leituras do Quatuor Van Kuijk, plenas de lirismo, precisão, alegria e beleza sonora. Diverti-me também ao integrar, ocasionalmente, algumas alusões à música “das Américas” (até... Radiohead! numa das peças), mas também ao me interrogar sobre “o que teriam eles escrito se tivessem nascido algumas décadas mais tarde!?”. As cinco peças, quando tocadas de forma encadeada, estão concebidas como um arco (vivo-lento-vivo-lento-vivo), mas podem igualmente ser tocadas separadamente como miniaturas.

BAPTISTE TROTIGNON

Felix Mendelssohn-Bartholdy

(Hamburgo, 1809 – Leipzig, 1847)

Quarteto para Cordas n.º 6, em Fá menor, op. 80

—

COMPOSIÇÃO 1847

DURAÇÃO c. 25 min.

A 14 de maio de 1847, Mendelssohn recebia a trágica notícia da morte da sua irmã Fanny Mendelssohn, o que veio a agravar os inúmeros problemas nervosos de que padecia. Em julho do mesmo ano, regressou à composição, iniciando os esboços de novas obras, entre as quais a ópera *Loreley*, a oratória *Christus* e o Quarteto n.º 6, op. 80. Somente esta última obra veio a ser concluída na íntegra, durante o mês de setembro.

O reflexo das circunstâncias negativas da vida do músico torna-se evidente na turbulência e inquietação manifestadas no *Allegro vivace assai*: a visão da morte e o medo perante o desconhecido emanam das sonoridades lúgubres das cordas, num contínuo de grande intensidade dramática, pontuado por “convulsões” que afetam irremediavelmente os contornos ortodoxos da forma sonata. Os gritos lancinantes de desespero persistem no segundo andamento, um *scherzo* dominado por ritmos sincopados e hemíolas que geram um sentimento constante de instabilidade. O andamento encerra com uma breve coda em tom de resignação. O melancólico *Adagio* desanuvia um pouco a atmosfera negativista dos andamentos anteriores, ainda que nele permaneçam certos traços langorosos provindos do primeiro

andamento. Mendelssohn manipula, uma vez mais, o molde da sonata tradicional, inserindo a secção de desenvolvimento muito tardiamente, quando já se encontra em curso a recapitulação do material musical da exposição. No andamento conclusivo, *Allegro molto*, assiste-se à reiteração do apelo desesperado do primeiro andamento, por meio de frases musicais intimidatórias, as quais soam como reptos subversivos às noções de tranquilidade e equilíbrio mental. O andamento caminha inexoravelmente para um final cada vez mais intenso que, paradoxalmente e *in extremis*, parece apelar à libertação das inúmeras tensões entretanto acumuladas.

RUI CABRAL LOPES

Quatuor Danel

Sergei Prokofiev

(Sontsivka, 1891 – Moscovo, 1953)

Quarteto para Cordas n.º 1, em Si menor, op. 50

—

COMPOSIÇÃO 1931

DURAÇÃO c. 24 min.

Sergei Prokofiev é uma referência da música da Europa de Leste do século XX. Nascido no Império Russo, numa cidade hoje pertencente à Ucrânia, viajou pela Europa Ocidental e Estados Unidos da América (EUA) até regressar à sua terra natal, então inserida na União Soviética. O Quarteto para Cordas n.º 1 é a primeira obra de câmara de Prokofiev e resultou de uma encomenda da Fundação Elizabeth Sprague Coolidge, ligada à Biblioteca do Congresso dos EUA. A estreia mundial da obra deu-se em Washington DC, a 25 de abril de 1931, pelo Quarteto Brosa. A 9 de outubro desse ano, o Quarteto Roth apresentou a obra em Moscovo. Nos anos que rodearam a escrita da peça, o compositor circulava pela Europa e EUA após a Revolução Bolchevique. Prokofiev tinha já residido na América entre 1918 e 1922, onde se fixou pouco depois das revoluções do Império Russo. As dificuldades de adaptação à vida cultural americana ditaram a sua mudança para a Europa em 1922, mas o compositor manteve laços com instituições culturais dos EUA. A estética neoclássica com laivos modernistas permeia a produção do período e reflete-se no primeiro quarteto para cordas. O primeiro andamento inspira-se na música de Beethoven e encontra-se numa

abordagem fluida à forma sonata. O primeiro tema é afirmativo e percussivo, reforçado por galopes. O recurso aos uníssonos e à interação entre pares de instrumentos reforçam o pendor contrapontístico do andamento, no qual o segundo grupo temático contrasta pelo lirismo. As células e os motivos são sobrepostos e sucedidos, intensificando a tensão patente no desenvolvimento; a reexposição conduz o andamento ao final. O *Andante molto*, misterioso e *cantabile*, mantém a abordagem contrapontística de Prokofiev, em que as melodias angulares oscilam entre a consonância e a dissonância. O sabor modal e uma textura reminescente do Classicismo tardio atravessa a introdução que antecede um *scherzo* estilizado em forma ABA. Uma marcha marcada e percussiva acompanha as melodias apresentadas pelo primeiro violino. O acompanhamento em *ostinato* sublinha a rusticidade do andamento, cuja tensão é reforçada pela sobreposição de dissonâncias e pela percussividade que conduzem a uma suspensão. O quarteto termina com um andamento lírico que é conduzido pela melodia e dominado por jogos de pergunta-resposta dos intervenientes. À medida que ganha ímpeto, intensifica o *pathos*, cedendo lugar a uma secção brilhante e cristalina que evoca o Romantismo. Uma curta e abrupta mudança introduz uma breve passagem dramática, que antecede a retoma da calma e do lirismo. A secção final caracteriza-se pela assimetria rítmica, pela angularidade e pelo privilégio do registo grave, até à nota sustentada com a qual termina o quarteto.

Mieczysław Weinberg

(Varsóvia, 1919 – Moscovo, 1996)

Quarteto para Cordas n.º 2, op. 3

—

COMPOSIÇÃO 1940

DURAÇÃO c. 26 min.

Intérpretes e musicólogos têm redescoberto a obra de Mieczysław Weinberg. Recentemente, o interesse no compositor traduziu-se no lançamento de gravações contendo a sua obra. Weinberg é uma figura cimeira da música soviética, com um percurso de vida muito particular. De família judia polaca, estudou música no país de origem e chegou à União Soviética em 1939, fugindo da barbárie nazi que vitimou a sua família. Estudou em Minsk e cedo se dedicou à composição de quartetos para cordas, traço marcante da sua obra. Weinberg tornou-se uma referência na música de câmara, tendo escrito 17 obras nesse género. O Quarteto para Cordas n.º 2 data de 1940, antes da Operação Barbarossa, a invasão nazi da União Soviética; contudo, o cheiro da guerra pairava no ar. O compositor reviu a obra em 1986, transformando-a na Sinfonia de câmara n.º 1. O *Allegro* aproxima-se da forma sonata, lançado por uma melodia leve e ondulante. A repetição e a regularidade revelam a influência do Classicismo. A transformação da célula inicial, os uníssonos impetuosos e as entradas sucessivas de vozes, apresentando o mesmo motivo, adensam a textura e intensificam a tensão do desenvolvimento. A reexposição retorna ao ambiente do início, reforçada pelos *ostinati*.

A elegância e a energia interagem ao longo do andamento e conduzem-no a um final discreto. O *Andante* é dominado por uma melodia angular acompanhada por *pizzicatti*. Numa atmosfera serena e nostálgica, as melodias *cantabile* acentuam o carácter reflexivo e intimista do andamento. O crescendo de intensidade é feito com recurso ao contraponto, à subida de registo e emprego de um *ostinato*, evocando e estilizando um *scherzo*. Segue-se uma textura de siciliana barroca, em que o ritmo regular sublinha uma atmosfera lamentosa. O *Allegretto* misterioso assenta na graciosidade contida. Uma textura esparsa onde dominam o *piano* e o *pianissimo* é o fundo do qual emergem as melodias. O quarteto termina de forma leve e cinética em que a sinuosidade das melodias, os *ostinati*, os jogos de pergunta-resposta e o recurso a figurações características da ópera cómica do Classicismo criam tensão e distensão, num final de carácter lúdico reminescente dos modernismos centro-europeus.

Piotr Ilitch Tchaikovsky

(Votkinsk, 1840 – São Petersburgo, 1893)

Quarteto para Cordas n.º 3, em Mi bemol menor, op. 30

—

COMPOSIÇÃO 1876

DURAÇÃO c. 38 min.

A escrita do último quarteto para cordas de Tchaikovsky começou em Paris no início de 1876 e terminou em Moscovo no mesmo ano. Nessa época, o compositor gozava

de grande prestígio dentro e fora do Império Russo, graças aos bailados e às sinfonias; contudo, o sucesso da sua música de câmara não acompanhou o das outras obras. A peça foi composta em homenagem ao violinista, pedagogo e compositor Ferdinand Laub, então recentemente falecido. A primeira apresentação do quarteto teve lugar numa reunião no apartamento de Nikolai Rubinstein em março de 1876. O *Andante sostenuto* introduz a peça, num misto de leveza e tensão. A transformação gradual de um motivo e a atmosfera fúnebre e solene cede lugar a um lamento *cantabile*. O *Allegro moderato* desse andamento, em forma sonata, contrapõe um tema afirmativo a um tema lírico e dominado pela simplicidade da melodia. Privilegiando o primeiro tema, o desenvolvimento é impetuoso e intenso. A reexposição repõe o contraste temático, apresentando as melodias transformadas, e recupera o material da introdução lenta. O *Allegretto vivo* é um *scherzo* em que a regularidade frásica e a repetição contrastam com o andamento anterior. A secção intermédia é dominada por uma melodia ondulante apresentada pela viola e o regresso da primeira secção conduz a uma curta coda. O *Andante funebre e doloroso*, arranjado, posteriormente, para violino e piano pelo compositor, é uma marcha trágica dominada pelo *pathos*. Os ritmos pontuados, a textura vertical e o timbre escuro, reforçado pelo recurso a surdinas, intensificam uma atmosfera de homenagem fúnebre. O primeiro violino e o violoncelo apresentam uma melodia contrastante, acompanhada pelos *pizzicati*, à qual se segue uma secção contrapontística.

O regresso transformado e ornamentado da marcha fúnebre é feito sobre uma nota pedal. A insistência nos materiais do início do andamento dissolve-se até à dissipação etérea. O *Allegro* final é um rondó movimentado e virtuosístico aparentado com a forma sonata; emprega melodias que evocam as danças tradicionais russas, fortemente acentuadas, de forma a sublinhar a rusticidade popular. A intensificação e o aumento de tensão conduzem a peça até um curto episódio de acalmia, que cede, rapidamente, espaço para o regresso da atmosfera viva, lúdica e leve com que termina o quarteto.

NOTAS DE JOÃO SILVA

Belcea Quartet

Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena, 1827)

Quarteto para Cordas n.º 4,
em Dó menor, op. 18 n.º 4

—

COMPOSIÇÃO 1800

DURAÇÃO c. 23 min.

O Quarteto para Cordas op. 18 n.º 4 foi o último dos seis quartetos op. 18 a ser concluído por Beethoven, ao que se julga de uma só vez, dado que dele não subsistem esboços. Apesar disso, foi colocado em quarto lugar na edição levada à estampa em 1801 por Tranquillo Mollo, com dedicatória ao patrono do compositor, o príncipe Joseph Franz Lobkowitz (1772-1816). À conceção alargada de sonata patente no primeiro andamento, *Allegro ma non tanto*, sucede-se a exploração intensiva do *fugato*, no segundo, *Andante scherzoso quasi allegretto*, na tonalidade homónima de Dó maior. Beethoven posiciona o *Menuetto: Allegretto* em terceiro lugar, parecendo hesitar na sagração definitiva do *Scherzo*, andamento que ocupa a mesma posição em todos os restantes quartetos do *opus 18*, exceto no Quarteto n.º 5, em Lá maior. A obra conclui com um vigoroso *Allegro*, baseado numa forma sonata-rondó.

RUI CABRAL LOPES

Julian Anderson

(Londres, 1967)

Quarteto para Cordas n.º 4

—

COMPOSIÇÃO 2023

DURAÇÃO c. 20 min.

Esta obra tem uma forma muito diferente das minhas três obras anteriores para quarteto de cordas. A primeira (1984) é curta e concentrada num só andamento. A segunda (2014) é constituída por sete andamentos contratantes, cada um com um afinação diferente; a terceira (2018), em seis andamentos, é uma minuciosa exploração de um tipo particular de ressonância.

O Quarteto n.º 4 é em três andamentos – médio, muito rápido, lento. O andamento inicial é discursivo, abrupto e descontínuo – começando com um acorde ao qual regressa persistentemente, com vários episódios intercalares. O rápido segundo andamento é intenso, maníaco, por vezes violento – um *scherzo* com trios em que as fronteiras entre os dois se tornam cada vez mais confusas na entropia crescente. A obra termina com um sustentado e intenso andamento lento, uma canção, para todo o ensemble, que cresce firmemente de intensidade.

O antecedente desta obra é uma evocação semi-privada de um evento do meu 14.º ano (1981), quando um filósofo polaco – um membro do sindicato rebelde Solidariedade – se deslocou à minha escola para explicar (num inglês perfeito) a luta do povo polaco contra a ditadura comunista, no poder naquela altura. Isto foi em meados de setembro;

a 13 de dezembro foi declarada a “Lei Marcial” e todos membros do Solidariedade – muitos milhões de pessoas – foram presos. A escola fez repetidas tentativas para descobrir o que acontecera ao filósofo, mas sem sucesso. Nunca mais tivemos notícias dele. Mais tarde, nesse mês, escutei por acaso e gravei (da rádio em onda curta) um fragmento de “góral” – música folclórica polaca para violino das Montanhas Tatra. Era um empolgante e bravo “oberek”, cujas propulsivas e desafiantes liberdades rítmicas deixaram a sua impressão no andamento intermédio do meu Quarto Quarteto. Algo da atmosfera desafiadora e desesperada daqueles meses terríveis pode também estar refletido, especialmente no segundo e terceiro andamentos. Este quarteto foi composto especialmente para o Belcea Quartet. É dedicado aos seus músicos com admiração, e ao meu bom amigo Dr. Hin-Yan Wong.

JULIAN ANDERSON

Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena, 1827)

Quarteto para Cordas n.º 12,
em Mi bemol maior, op. 127

—

COMPOSIÇÃO 1824

DURAÇÃO c. 39 min.

O Quarteto op. 127 integra o conjunto de quartetos para cordas que Beethoven compôs entre 1822 e 1826. Após o êxito obtido na estreia vienense da sua Sinfonia n.º 9, ocorrida a 7 de maio de 1824, o músico consagrou-se à edificação

de um grupo ímpar de obras de câmara, o qual veio a dedicar ao príncipe russo Nikolai Galitzine (1794-1866). A primeira a ser concluída foi o Quarteto op. 127, em outubro de 1824. O primeiro andamento, *Maestoso – Allegro*, constitui a porta de entrada no novo mundo musical proposto por Beethoven: ao caráter “heroico” dos acordes iniciais soma-se um conjunto vasto de soluções musicais, em parte herdadas da tradição, em parte oferecidas pela primeira vez e sem receios da crítica. A forma do tema e variações aparece em destaque no segundo andamento, *Adagio, ma non troppo e molto cantabile*, enquanto que o *Scherzando vivace* envereda por meandros feéricos que se afastam dos cânones tradicionais. Por sua vez, o andamento final, *Allegro*, impõe de novo a forma sonata para servir de base a uma excursão tão imaginativa quanto variada aos espaços do quotidiano vienense, com as suas sonoridades típicas.

RUI CABRAL LOPES

Minguet Quartett

Johannes Ockeghem

(Saint-Ghislain, c. 1410 – Tours, 1497)

Quatro chansons

—

COMPOSIÇÃO séc. XV

DURAÇÃO c. 10 min.

Johannes Ockeghem é uma referência do Período Internacional do Renascimento. Nascido próximo de Mons, no Condado de Hainault, que hoje faz parte da Bélgica, desenvolveu a sua carreira na corte francesa. Com o desenvolvimento da imprensa na Europa, a sua música difundiu-se amplamente e a reputação do compositor foi conhecida internacionalmente.

No século XV emergiu uma nova cultura de corte, tornado centro político e cultural do poder instituído. Nesse contexto, foram criados géneros musicais como a *chanson* renascentista, uma composição polifónica com texto em francês. Esta foi cultivada, especialmente, em áreas de influência do Ducado de Borgonha. A partir de meados do século XV, compositores como Ockeghem procuraram criar uma textura variada, mas uniforme e equilibrada. Neste recital, ouviremos quatro *chansons* sob o signo do lamento. *Fors seulement* é atribuída a Ockeghem e a sua melodia foi, frequentemente, usada como *cantus firmus* de outras obras. O poema aborda a resignação perante a perda amorosa. A *chanson* apresenta a melodia principal a duas vezes, às quais se junta a terceira em estilo imitativo. A pulsação regular e a homogeneidade estilística mantêm-se, numa obra cujo contraponto contido

é variado à medida que os versos se desenrolam. *Qu'es mi vida preguntays* é uma *chanson* a quatro vozes baseada na peça homónima escrita pelo castelhano Juan Cornago, ativo na corte de Nápoles. A melodia domina essa imprecação amorosa, marcada pelo rigor contrapontístico. O contraponto austero e imitativo, com a entrada sucessiva de vozes pontifica em *J'en ay deuil*, um *rondeau* cuja forma foi herdada dos *trouvères* medievais. O poema é um lamento doloroso de um sujeito poético feminino, remanescente da lírica medieval. *Malheur me bat* é uma das mais famosas *chansons* do Renascimento e foi atribuída a Ockeghem. O compositor trata o poema sobre a infelicidade de forma austera e contida, em que a clareza linear e a fluidez rítmica intensificam a atmosfera de tristeza do texto.

Giuseppe Verdi

(Roncole, 1813 – Milão, 1901)

Ave Maria

—

COMPOSIÇÃO 1889

DURAÇÃO c. 6 min.

As óperas de Verdi dominaram os circuitos musicais do Romantismo e a sua figura era reconhecida pelos frequentadores dos teatros. Nos últimos anos de vida, Verdi trabalhou em grande proximidade com o compositor e libretista Arrigo Boito, que contribuiu para a transformação do seu estilo. A primeira versão de *Ave Maria* data de 1889, quando os criadores se embrenhavam na delineação de *Falstaff*, que veio a ser a última ópera de Verdi.

Nessa altura, Verdi escreveu as *Quatro peças sacras*, um conjunto de obras religiosas independentes em latim para coro. Em 1895, o compositor reviu o *Ave Maria*. A peça tem uma particularidade interessante, foi escrita na “escala enigmática.” Essa escala, teorizada pelo compositor e professor Adolfo Crescentini no final do século XIX, continha muitas possibilidades. Assim, encerra elementos das escalas maior, menor e de tons inteiros. Em 1888, a *Gazzetta musicale di Milano*, da editora Ricordi, que mantinha uma relação próxima com Verdi, desafiou os leitores a escrever música harmonizando essa escala. Desse impulso, nasceu *Ave Maria*. Inspirando-se nos modelos da polifonia renascentista, Verdi escreveu uma obra de grande intensidade dramática, aproveitando as várias possibilidades da escala. Secções verticais e cromáticas são contrapostas a passagens contrapontísticas diatónicas e o diferimento das resoluções introduz dissonâncias que encarnam as tensões da abordagem tardo-romântica à tonalidade, conduzindo a uma passagem tranquila e libertadora no *Amen* final.

Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena, 1827)

Quarteto para Cordas n.º 15,
em Lá menor, op. 132 (3.º and.)

COMPOSIÇÃO 1825

DURAÇÃO c. 16 min.

Os últimos quartetos para cordas de Beethoven confundiram os seus contemporâneos. No final do século XIX,

foram reabilitados e integrados no cânone da música de câmara, influenciando muitos compositores. Escrito em 1825 e estreado a 6 de novembro desse ano pelo Quarteto Schuppanzigh, o terceiro andamento do Quarteto para Cordas n.º 15 encarna as tensões deste período criativo de Beethoven. Recentemente recuperado de uma doença que o atormentava, é um agradecimento à divindade. Aqui, o estilo de Beethoven é fragmentário. O fragmento cristalizou-se como género literário no Romantismo germânico inicial. Contudo, só aparece tardiamente como elemento central na obra de Beethoven, revelando a relação problemática do compositor com esse movimento artístico. As tensões entre o universalismo liberal emanado das Luzes com o particularismo individualista romântico encontram-se bem patentes na época. Nesta passagem emblemática, lenta e introspectiva, Beethoven apresenta uma melodia de carácter religioso, uma espécie de hino contemplativo. A harmonização de um fragmento melódico principal, em modo lídio, é a base do contraponto a partir do qual se desenrola o andamento. Esse elemento emerge regularmente e contrasta com o *Andante*, uma secção dançável, luminosa e tonal que evoca o Barroco. Nela, o contraponto, o virtuosismo e a leveza refletem uma atmosfera lúdica. Uma breve transição estática e contemplativa marca o regresso do hino, que desemboca no retorno à luminosidade cinética da passagem em textura de dança, agora intensificada pela sincopação. O regresso da melodia principal, apresentada sobre novos contextos harmónicos e contrapontísticos leva o andamento, uma longa meditação para quarteto, ao final.

Luigi Nono

(Veneza, 1924 – Veneza 1990)

Fragmente – Stille, an Diotima

—

COMPOSIÇÃO 1980

DURAÇÃO c. 40 min.

Luigi Nono é uma figura tutelar dos modernismos pós-Segunda Guerra Mundial. Da herança da Segunda Escola de Viena à passagem por Darmstadt, passando pelo empenhamento social, a voz própria de Nono flutuou sobre as ortodoxias estéticas e políticas. A 29 de janeiro de 2024, assinala-se o centenário do nascimento dessa personalidade ímpar. *Fragmente-Stille, an Diotima* é a única obra escrita por Nono para quarteto de cordas. Composta entre 1979 e 1980, resultou de uma encomenda da cidade de Bona para as comemorações dos 210 anos do nascimento de Beethoven. Dedicada ao Quarteto LaSalle, agrupamento destacado na interpretação da música do século XX, foi estreado nessa cidade a 2 de junho de 1980. *Fragmente-Stille* contribuiu para o regresso de Nono à composição, após um período de crise criativa. Nele, o impulso literário conjuga-se com uma visão sonora e auditiva do fenómeno musical. O compositor partiu da obra do poeta romântico Friedrich Hölderlin, um cultor do fragmento. No início do Romantismo alemão, o fragmento converteu-se num género literário, com o contributo de Friedrich Schlegel, Novalis ou Hölderlin. Nono coloca essa estética em diálogo com o andamento do quarteto de Beethoven previamente

apresentado neste recital, com a polifonia renascentista de *Malheur me bat*, de Ockeghem, e com a “escala enigmática” que pudemos ouvir no *Ave Maria* de Verdi. Contudo, a citação dos materiais não é um pastiche direto, mas uma elaboração criativa sobre esses elementos sonoros. Diotima era o nome atribuído por Hölderlin a Susette Gontard, a paixão que inspirou o romance epistolar *Hyperion*. Nono utiliza fragmentos dessa obra em *Fragmente-Stille*, associando-lhes passagens para quarteto. Contudo, a relação entre o texto e a música é introspetiva e não programática ou descritiva. A peça consiste numa sucessão de 52 fragmentos, que exploram os meios de produção do quarteto numa teia de dinâmicas onde predomina a baixa intensidade sonora. Contrastando ataques, ambientes, texturas e timbres, lirismo e percussividade, estatismo e dinamismo, Nono problematiza a nossa relação com uma formação e género firmemente enraizados na tradição ocidental, num percurso que se faz através do processo ativo da audição.

NOTAS DE JOÃO SILVA

Simply Quartet

Joseph Haydn

(Rohrau, 1732 – Viena, 1809)

Quarteto para Cordas em Sol maior, op. 77 n.º 1

—

COMPOSIÇÃO 1799

DURAÇÃO c. 25 min.

Corolário da produção de Joseph Haydn no domínio do quarteto para cordas, os dois Quartetos op. 77 foram compostos durante o ano de 1799 e publicados pela firma vienense Artaria em 1802, com uma dedicatória dirigida ao Príncipe Lobkowitz, mecenas destacado da vida musical da cidade. O Quarteto op. 77 n.º 1 traduz a mais genuína expressão do espírito clássico. É, desde logo, a regularidade enérgica do tema principal que impera desde os primeiros compassos, partilhado pelos dois violinos sobre o acompanhamento em semínimas marcadas na viola e no violoncelo. Este mesmo tema não tardará a transitar para o violoncelo, após uma breve secção em tercinas. A emancipação das cordas graves, aqui patente, viria, de resto, a ser continuada por Beethoven na sua música de câmara de maturidade. Sucede-se um segundo tema de cariz mais sereno, progredindo por graus conjuntos. O início do desenvolvimento é assinalado pelo uníssono dos quatro instrumentos participantes, em *fortissimo*. É de novo o tema inicial, ou mais propriamente o seu contorno rítmico característico, que serve de elemento propulsor desta secção, durante a qual o compositor alcança passagens de uma densidade dramática assinalável. O segundo

andamento, *Adagio*, transmite um estado de espírito de grande serenidade, mercê do magnífico tema inicial, que é entoado em uníssono por todos os instrumentos. A textura evolui depois para um enunciado do tipo melodia sobre acompanhamento, de novo com intervenções salientes do violoncelo e do primeiro violino. Ecos das antigas marchas harmónicas do concerto barroco ressoam no desenvolvimento desta forma sonata. O *Menuetto* seguinte estabelece um patamar de contraste com os andamentos anteriores, com o devir surpreendente de um edifício altamente contrapontístico. O caráter do *Trio* altera-se para algo que aponta já na direção do *scherzo* beethoveniano, com os seus pontos de tensão em torno de figuras rítmicas vincadas e repetitivas, sonoridades dissonantes e pedais prolongadas. Retendo a forma sonata monotemática do *Adagio*, o andamento final, *Presto*, mostra semelhanças com o *Kolo*, dança tradicional coletiva que ainda hoje anima as festas populares da Croácia, da Sérvia e da Bulgária. A verve rítmica acentuada, com síncopas frequentes, exigiu um esforço adicional aos intérpretes da obra. A par com o discurso rítmico impetuoso, Haydn reforça a variedade harmónica da textura, por via dos frequentes percursos modulatórios. A secção de desenvolvimento cultiva as sequências imitativas serradas, ao mesmo tempo que instaura um clima de imprevisibilidade que só vem a desvanecer-se com a recapitulação, palco para incursões renovadas nos diferentes registos dos instrumentos.

RUI CABRAL LOPES

Anton Webern

(Viena, 1883 – Mittersill, 1945)

Langsamer Satz für Streichquartett

—

COMPOSIÇÃO 1905

DURAÇÃO c. 10 min.

Na primavera de 1905, os enamorados Anton Webern e Wilhelmine Mörtl passearam por Waldwinkel, na Áustria rural. Webern inspirou-se nesse passeio e tentou traduzir o envolvimento com Wilhelmine e com a Natureza em *Langsamer Satz*. A obra foi composta nesse ano, para quarteto de cordas. Na altura, Webern estudava composição com Schönberg e preparava a tese de doutoramento em Musicologia na Universidade de Viena, sobre obras do compositor renascentista Heinrich Isaac. A *Langsamer Satz* foi estreada postumamente, a 27 de maio de 1962, em Seattle, nos Estados Unidos da América. A obra é marcada pelo domínio do contraponto numa perspetiva do Tardo-Romantismo, que cria tensão e distensão através da sobreposição de linhas melódicas. Escrita numa forma ABA com coda, a trama sonora de *Langsamer Satz* mistura momentos dissonantes e consonantes associados à densidade variável da textura. A secção inicial apresenta o tema principal numa organização esparsa e dinâmica à qual se vão sobrepondo vozes. A secção intermédia é mais estática e contemplativa, cedendo lugar ao retorno da secção inicial numa forma alterada, que contém o clímax da obra. Após atingir esse ponto, os materiais musicais são progressivamente submersos numa textura contrapontística que se torna rarefeita até se desintegrar na coda.

JOÃO SILVA

Robert Schumann

(Zwickau, 1810 – Endenich, 1856)

Quarteto para Cordas n.º 1, em Lá menor, op. 41 n.º 1

—

COMPOSIÇÃO 1842

DURAÇÃO c. 27 min.

Ao encarnar o espírito inquieto do compositor romântico por excelência, Schumann é um dos grandes representantes do romantismo musical alemão. No conjunto das suas obras, um grande relevo é dado ao *lied* e à música para piano, mas a escrita orquestral e de câmara adquire, também, grande importância. Os três Quartetos para Cordas op. 41 constituem a única experiência de Schumann no género de câmara sem a intervenção do Piano. O compositor dedicou as primeiras duas décadas da sua atividade criativa essencialmente à música para piano e ao *lied*. É a partir de 1841, ano do seu casamento com Clara Wieck, que Schumann se aventura no campo sinfónico e da música de câmara. Durante este período, estuda os quartetos de Mozart, Haydn e Beethoven, o que resulta na vontade de tentar escrever algo dentro do género. No caso de Schumann, destaca-se uma clara continuidade dos paradigmas estéticos beethovenianos a partir de novos modelos formais. Surgiriam então os três Quartetos op. 41 e o Quinteto com Piano op. 44. O presente quarteto foi escrito em quatro dias, entre 4 e 8 de junho de 1842. Os três quartetos foram concluídos no mês seguinte tendo Schumann

Jerusalem Quartet

Bedřich Smetana

(Litomyšl, 1824 – Praga, 1884)

Quarteto para Cordas n.º 1, em Mi menor, *Da minha vida*

—

COMPOSIÇÃO 1876

DURAÇÃO 28 min.

anunciado as obras no *Neue Zeitschrift für Musik* como “Triplo quarteto em doze andamentos”.

Os Quartetos op. 41 foram oferecidos a Clara, no seu aniversário a 13 de setembro. A obra seria estreada publicamente no Gewandhaus de Leipzig a 8 de janeiro de 1843. Poucos dias depois, os três quartetos foram publicados pela Breitkopf e Hartel, sob pressão de Schumann, que queria dedicar e oferecer as partituras impressas a Felix Mendelssohn no dia do seu aniversário, a 3 de fevereiro.

MIGUEL MARTINS RIBEIRO

Foi no domínio sinfónico que o compositor checo Bedřich Smetana manifestou, de modo mais consistente, um idioma tipicamente nacionalista, responsável pela sua futura projeção internacional. Para tal idioma, bem patente no famoso ciclo sinfónico *Má Vlast*, confluíram a mais genuína tradição romântica do poema sinfónico e o toque pitoresco das danças do folclore boémio. Já à música de câmara, Smetana legou menos repertório, destacando-se o Quarteto para Cordas n.º 1, *Da minha vida*. O subtítulo pressupõe uma intensa retrospectiva biográfica, a que o autor faz alusão numa carta datada de 1878. Segundo as suas palavras, a obra ilustra a ansiedade e a rebeldia dos anos de juventude e o seu primeiro amor. Gestos como as sequências paralelas de terceiras evocam Franz Schubert, mas a influência estilística mais provável é a dos últimos quartetos de Beethoven, como o comprova o segundo andamento da obra, particularmente próximo, na sua atmosfera harmónica e textura, do *Finale* do Quarteto em Dó sustenido menor, op. 131, do grande vulto vienense. O Quarteto n.º 1 foi estreado publicamente a 29 de março de 1879, em Praga, depois de uma audição privada no ano anterior. Para a consolidação da obra no âmbito

da literatura de câmara romântica muito contribuiu o recital realizado pouco depois em Weimar, estando Liszt entre os membros da plateia.

RUI CABRAL LOPES

Dmitri Chostakovitch

(São Petersburgo, 1906 – Moscovo, 1975)

Quarteto para Cordas n.º 2, em Lá maior, op. 68

—

COMPOSIÇÃO 1944

DURAÇÃO 36 min.

No catálogo das obras de Dmitri Chostakovitch, a par das 15 sinfonias, avulta igualmente a sua série de 15 quartetos de cordas. Porém, ao contrário das sinfonias, os quartetos não abarcam a totalidade do seu percurso criativo, representando apenas uma parte da sua evolução enquanto compositor. Concebidos ao longo de um período de 36 anos, entre 1938 e 1974, todos datam dos seus anos de maturidade. Chostakovitch compôs o Quarteto n.º 2, op. 68, em 1944, em apenas 19 dias. Composto na sequência da vitória soviética sobre a Alemanha nazi, este quarteto de fôlego sinfónico reflete, no entanto, pouco do contexto de guerra e da destruição que se vivia, representando antes uma resposta patriótica, com as suas alusões à música tradicional russa. A obra encerra ainda vários elementos que remetem para a música judaica, com o que o compositor expressou simbolicamente a sua oposição ao antissemitismo crescente na União

Soviética. Este quarteto constitui, assim, um grande contraste com o n.º 1, pela sua maior envergadura e consistência. O primeiro andamento é exemplo desse vigor, com um tema triunfante e outro nervoso, que depois se torna estridente. Na reexposição os temas surgem na ordem inversa. O *Recitativo e Romance* inclui o primeiro exemplo de um recitativo nos seus quartetos, uma técnica de grande poder expressivo, representativa do seu instinto dramático. O terceiro andamento, *Valsa*, em Mi bemol menor, é uma dança rápida e inquieta, num tom ameaçador e perturbante. O ambiente é em geral fantasmagórico e misterioso, com alguns momentos de maior agitação. O *Tema e Variações* final inicia-se com uma breve introdução, surgindo em seguida um tema de cariz folclórico russo, que é explorado em 13 variações ambiciosas. Há um efeito de excitação crescente, devido à aceleração progressiva do tempo, encerrando o andamento com o retorno da introdução lenta.

LUÍS M. SANTOS

Johannes Brahms

(Hamburgo, 1833 – Viena, 1897)

Quarteto para Cordas n.º 3, em Si bemol maior, op. 67

—

COMPOSIÇÃO 1875

DURAÇÃO 35 min.

No verão 1875, Brahms finalizava o seu Quarteto n.º 3, op. 67, rodeado pelos vales montanhosos da localidade de Ziegelhausen, situada próximo da cidade

de Heidelberg. Do enlevo da paisagem bucólica, cruzada pelo rio Neckar, resultaram, por certo, influências audíveis nos quatro andamentos da obra, desde os animados motivos de dança do *Vivace* inicial ao tema de inspiração rústica do *Poco allegretto con variazioni* final. Outras influências remontam à Escola de Viena, em particular a Joseph Haydn, cujas soluções de sonata se encontram também espelhadas na arquitetura formal da obra. Uma dimensão mais pessoal ressalta do segundo andamento, *Andante*, no qual um belo tema *cantabile* se distende pela textura, como que a recordar um sonho sereno, sendo depois agitado por uma série de eventos rapsódicos, com caráter rítmico mais vincado. A partitura foi dedicada a Theodor W. Englemann (1843-1909), eminente investigador da Universidade de Utrecht e pioneiro na pesquisa da fotossíntese produzida por bactérias, o qual era também proficiente violoncelista. A estreia do quarteto ocorreu em Berlim, a 30 de outubro de 1876, pelo Quarteto Joachim.

RUI CABRAL LOPES

Quatuor Van Kuijk

Desde a sua constituição, em 2012, o Quatuor Van Kuijk afirmou-se nas principais salas de concertos e festivais, com destaque para a conquista de vários prémios: 1.º classificado, Prémio Beethoven e Prémio Haydn no Concurso Internacional de Quartetos de Cordas do Wigmore Hall (2015); 1.º classificado e Prémio do Público no Concurso Internacional de Música de Câmara de Trondheim. Foi nomeado *BBC New Generation Artists* (2015-2017) e laureado pela Academia do Festival d'Aix-en-Provence. Foi também selecionado *ECHO Rising Star* para a temporada 2017-2018, tendo-se então estreado na Fundação Gulbenkian. Para além dos concertos regulares em prestigiados palcos europeus e norte-americanos, apresentou-se também na Ópera de Sydney e no Melbourne Recital Centre, na Austrália, e no Auditório Sinfónico de Xangai. O Quatuor Van Kuijk grava em exclusivo para a Alpha Classics, tendo o seu álbum de estreia, intitulado *Mozart*, recebido o aplauso da crítica – *Choc* da revista *Classica* e *Diapason d'Or Découverte*. Seguiram-se gravações de obras de Debussy, Ravel e Schubert, tendo depois regressado a Mozart com dois lançamentos – Quartetos K. 421 e K. 387 e os Quintetos K. 515 e K. 516, com o violetista Adrien La Marca. Em residência no Proquartet, em Paris, os seus membros estudaram com músicos dos quartetos Alban Berg, Artemis e Hagen. Anteriormente trabalharam com o Ysaÿe Quartet e com Günter Pichler na Escuela Superior de Música Reina Sofía, em Madrid. O Quatuor Van Kuijk é patrocinado pela Pirastro e pela SPEDIDAM e tem o apoio da Anima Music e da Foundation Mécénat Musical Société Générale.

Quatuor Danel

O Quatuor Danel foi fundado em 1991, tendo rapidamente alcançado um lugar de destaque na cena musical internacional. A sua preenchida agenda inclui concertos nos mais importantes palcos a nível mundial, bem como elogiadas gravações discográficas. O quarteto ganhou fama pelas suas ousadas e empolgantes interpretações dos ciclos de quartetos de cordas de Haydn, Beethoven, Schubert, Chostakovitch e Weinberg. Outra vertente da sua força reside na colaboração com importantes compositores contemporâneos como W. Rihm, H. Lachenmann, S. Gubaidulina, P. Dusapin, J. Widmann ou B. Mantovani. As obras dos compositores russos ocupam um lugar especial no repertório do Quatuor Danel, com destaque para a totalidade dos quartetos de Chostakovitch que o grupo gravou para a etiqueta Fuga Libera em 2005. Foi o primeiro a gravar outro grande ciclo do séc. XX, os 17 quartetos para cordas de M. Weinberg. O envolvimento do Quatuor Danel com a educação é também um domínio importante da sua atividade. Uma parte essencial da sua missão consiste em transmitir o seu conhecimento, a sua experiência e a herança musical que os músicos receberam dos seus mentores: membros dos Quartetos Amadeus e Borodin, Fyodor Druzhinin, Pierre Penassou, Walter Levin e Hugh Maguire. Desde 2005, o Quatuor Danel é quarteto residente na Universidade de Manchester, instituição onde ensina e mantém uma tradição de colaboração com musicólogos. Desde 2015, leciona também com regularidade na Academia de Quartetos de Cordas dos Países Baixos, em Amesterdão. Em outubro de 2016, o Quatuor Danel iniciou uma residência de três anos em Utrecht, que incluiu concertos, *masterclasses*, palestras e colaborações com outros artistas, seguindo-se uma nova residência no Wigmore Hall em 2019.

Belcea Quartet

A paixão, aliada à precisão, à expressividade inédita e à pura emoção caracterizam os concertos do Belcea Quartet, fundado no Royal College of Music, em Londres, em 1994. O seu vasto repertório estende-se de J. Haydn, Mozart e Beethoven a Bartók, Janáček e Szymanowski. Os músicos continuam também a acrescentar novas obras de compositores contemporâneos como Guillaume Connesson, Joseph Phibbs, Krzysztof Penderecki, Thomas Larcher, Mark-Anthony Turnage e Julian Anderson. Estas encomendas são concretizadas em associação com a Belcea Quartet Trust, fundação criada para apoiar a expansão da literatura para quarteto de cordas e para formar e apoiar jovens quartetos, passando assim para as novas gerações o legado artístico que receberam dos Quartetos Amadeus e Alban Berg.

Para além da gravação integral dos quartetos de cordas de Bartók, Beethoven, Brahms (*Diapason d'Or 2016*) e Britten, a diversificada discografia do Belcea Quartet inclui obras de Berg, Dutilleux, Mozart, Schönberg, Schubert, Chostakovitch, Janáček e Ligeti, entre outros. Entre 2017 e 2020, o Belcea foi Quarteto em Residência no Auditório Pierre Boulez, em Berlim. Conjuntamente como o Artemis Quartet, e desde a temporada passada com o Quatuor Ébène, tem apresentado um ciclo de quartetos de cordas no Konzerthaus de Viena. Na presente temporada, o Belcea Quartet apresenta-se em três importantes bienais de quartetos de cordas em Paris, Lisboa e Amesterdão. Outros compromissos incluem concertos no Carnegie Hall de Nova Iorque, na Elbphilharmonie de Hamburgo, no Flagey de Bruxelas, no National Concert Hall de Dublin, no Tonhalle de Zurique e no Toppa Hall, em Tóquio.

Minguet Quartett

Filósofo espanhol do séc. XVIII, Pablo Minguet defendeu nos seus escritos a ideia da aproximação das Belas Artes ao grande público. Este exemplo norteia a atividade do Minguet Quartett desde a sua fundação em 1988.

As suas interpretações, tão apaixonantes quanto inteligentes, são sempre uma garantia de experiências auditivas inspiradoras. Em 2024, o Minguet Quartett regressa ao Festival de Salzburgo, tendo estado presente em 2020, 2021 e 2023. Outros destaques da presente temporada incluem o Konzerthaus de Viena, o Festival de Baden-Baden, o Tonhalle de Düsseldorf, o Festival de Schleswig-Holstein e o Flagey de Bruxelas.

Os atuais parceiros do Minguet Quartett incluem as sopranos Anna Prohaska e Marisol Montalvo, o clarinetista Matthias Schorn, o duo de piano Yaara Tal e Andreas Groethuysen, a pianista Danae Dörken, a violinista Franziska Hölscher, o violetista Matthias Buchholz, o violoncelista Jens Peter Maintz, o narrador Frank Arnold e o Huelgas Ensemble. Como quarteto de solistas, o grupo atuou com o Coro da Rádio WDR, a Deutsche Symphonie-Orchester Berlin, as Orquestras das Rádios WDR e ORF, a Brucknerorchester Linz e a Sinfónica de Nuremberga, sob a direção dos maestros Jukka-Pekka Saraste, Markus Stenz, Peter Ruzicka e Ilan Volkov.

O Minguet Quartett foi galardoado com o prémio *ECHO Klassik* em 2010 e o *Diapason d'Or* 2015. Em 2020 recebeu a bolsa *RELOAD* da Fundação Cultural da Federação Alemã. Como relevante instituição, em 2022 foi selecionado para realizar o seu projeto *EifelKlang*, em cooperação com a NEUSTART KULTUR – Die Beauftragte der Bundesregierung für Kultur und Medien. A fundação para as artes Kunststiftung NRW (North Rhine-Westphalia) é um parceiro de longa data do Minguet Quartett.

19 fevereiro



GULBENKIAN
MÚSICA

J. S. Bach

Sonatas e Partitas II

Mario
Brunello

GULBENKIAN.PT

MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA

VVA VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA

STONES

MECENAS
SEGURADORA
OFICIAL

TRAN
QUILI
DADE

MECENAS
CÍCLO DE PIANO

pwc

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA

BPI

Fundação "la Caixa"

Simply Quartet

Partindo da ideia de interdependência e complementaridade e combinando complexidade e simplicidade, o Simply Quartet procura continuamente uma profunda compreensão da linguagem inerente à música: desde as antigas obras clássicas até à literatura moderna para quarteto de cordas. Colocam grande ênfase na combinação de três culturas contrastantes (China, Áustria e Noruega), nas quais se inspiram para desenvolver uma linguagem musical própria. Originalmente fundado em Xangai, sob os auspícios de Jensen Horn-Sin Lam, o quarteto mudou-se para Viena para explorar intensivamente a essência e as origens da música para quarteto de cordas – no Instituto Joseph Haydn da Universidade de Música e Artes Performativas de Viena, o quarteto estuda com Johannes Meissl. Além disso, deve experiências e impulsos valiosos aos seus anos na Academia Europeia de Música de Câmara. O quarteto beneficiou também dos ensinamentos de Günter Pichler na Escuela Superior de Música Reina Sofia, em Madrid, entre 2020 e 2021. O Simply Quartet recebeu quatro primeiros prémios em concursos de música de câmara: Carl Nielsen, em Copenhaga, e “Quatuors à Bordeaux” em 2019, “Franz Schubert and the Music of Modernity”, em Graz, em 2018, e Concurso Internacional de Música de Câmara Joseph Haydn, em Viena, em 2017. Na temporada 2021-2022 foi um dos grupos selecionados para o ciclo *ECHO Rising Stars*, tendo-se apresentado em várias cidades europeias, incluindo Lisboa. Danfeng Shen toca um violino Giovanni Battista Guadagnini, de 1753, graças a um generoso empréstimo da MERITO String Instruments Trust GmbH. Antonia Rankersberger toca um violino Camillo Camilli, de 1736 (Mântua), disponibilizado pelo Oesterreichische Nationalbank (Banco Nacional Austríaco).

Jerusalem Quartet

Desde a sua fundação, em 1993, o Jerusalem Quartet percorreu um caminho de crescimento e maturação. Ao longo desta jornada, os quatro músicos consolidaram um vasto repertório e uma espantosa amplitude expressiva, dando continuidade, de uma forma única, à longa tradição do quarteto de cordas. Das suas interpretações emana uma sonoridade calorosa e refinada e um grande equilíbrio entre as vozes. Por outro lado, a solidez técnica, a perfeição sonora e o trabalho em torno da expressão musical, são elementos que permitem uma interpretação desenvolvida do repertório corrente e de novas obras.

O Jerusalem Quartet é um convidado regular das principais salas de concertos a nível mundial, incluindo visitas frequentes à América do Norte. Recentes atuações incluíram um ciclo dos quartetos de cordas de Beethoven no Wigmore Hall, em Londres, um ciclo Bartók no Festival de Salzburgo, o seu terceiro String Quartet Seminar, em Crans-Montana, na Suíça, e uma residência na Academia de Música de Jerusalém.

Desde 2005, o Jerusalem Quartet gravou 16 álbuns para a Harmonia Mundi, distinguidos com numerosos prémios, incluindo o *Diapason d'Or* e o *BBC Music Magazine Award*. Entre os últimos lançamentos destaca-se um álbum dedicado à música judaica do centro da Europa no período entre guerras, nomeadamente uma coleção de canções yiddish de cabaret, da Polónia dos anos 1920, com a soprano israelita Hila Baggio, bem como o segundo álbum dedicado a Bartók.

A temporada 2023-2024 inclui digressões a vários países da Europa e apresentações nas Bienais de Quartetos de Cordas de Paris, Lisboa e Amesterdão. Apresenta o seu programa “Yiddish Cabaret” na Elbphilharmonie Hamburg. Regressa também à América do Norte, bem como à China, à Coreia do Sul e ao Japão.

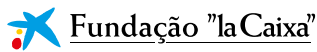
**Se não puder
vir a um concerto,
ofereça o seu bilhete.**

**90% dos lugares vazios
no Grande Auditório
correspondem a
bilhetes comprados.**



GULBENKIAN.PT

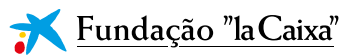
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

